

PAPERWORKS III Paisagem sem Paisagem

C.B. ARAGÃO, CLAUDIA FISCHER, JOÃO GRAMA, MARTA ALVIM

Paisagem sem Paisagem

*“And as you come to a new valley, as you come to a new landscape,
you have a certain view. If you stand still,
the landscape doesn’t necessarily tell you how big it is.
It doesn’t really tell you what you’re looking at.
The moment you start to move the mountain starts to move.”*

(Olafur Eliasson, 1967)

Neste comentário sobre a paisagem feito pelo artista dinamarquês Olafur Eliasson, encontramos a (in-) definição de que é a paisagem: um ambiente que está sempre em movimento – além de que nos encontramos num globo em constante rotação, portanto passado uma rotação diária de 24h, nada está como era antes – um lugar em transformação contínua, e do qual fazemos parte, queiramos ou não. Somos seres humanos e o nosso lugar para já continua a ser a terra. Eliasson conta-nos também outro pormenor, de que o que vemos depende sempre do ponto de vista, e ao mudar o nosso ponto de vista, tudo também pode mudar.

Ter um ponto de vista, implica colocarmo-nos perante algo durante um período prolongado. Expormos-nos a algo mais tempo, com calma, quer dizer também: desacelerar, contemplar, e por fim parar: para admirar o que está à nossa volta.

As obras escolhidas e criadas em conjunto com os artistas para esta exposição, são um convite à desaceleração, abrandarmos o nosso passo rápido que no dia-a-dia não nos permite olhar e sentir o mundo em que nos movimentamos; olharmos as várias paisagens – abstractas, concretas, figurativas ou imaginárias – com que somos confrontados nesta mostra e darmos asas à nossa imaginação, e sentir o que está à nossa volta. Bem vindos, à Paisagem sem Paisagem.

Marta Alvim | screenshots, 2015

Na entrada da galeria somos recebidos por quatro trabalhos fotográficos de Marta Alvim, que intrigam pela sua composição formal e cromática. A artista interveio na imagem da paisagem introduzindo elementos geométricos, alterando a nossa percepção do espaço natural. Assim, no seu trabalho, a artista busca a transformação; através de investigações formais, ela procura encontrar novas relações de poder no seio da nossa sociedade. Interessa-lhe expor nas suas instalações, fotografias e sobretudo nas suas narrativas cinematográficas, uma parte do conhecimento sobre o comportamento humano, em busca da reposição de um (utópico) equilíbrio entre política, ética e Natureza, com imagens que transmitem um certo fascínio e magia estéticos.

C.B. Aragão | série “Sem Título”, 2016

Quando entramos na sala onde se encontram as quatro fotografias do fotografo brasileiro C.B. Aragão, vemo-nos envolvidos num ambiente de uma atmosfera quase eléctrica: formas, luz e cor numa sequência de imagens em movimento; uma possível alusão ao cinema, de um artista cinéfilo que se sente atraído pelas formas descontroladas que parecem correr de um lado para o outro. O artista criou uma superfície com profundidade e perspectiva, a um nível de abstracção pouco encontrado na fotografia contemporânea – quase como que o que vemos fosse desenho. O próprio artista provoca o caos, com o intuito de ser surpreendido por ele. É esse o estímulo forte para o seu trabalho – jogar com o acaso. “Move-me o instinto de captar em imagem o movimento que o olhar nu não poderia perceber. [...] e quando o acaso consegue materializar algo para mim inimaginável, é quando a minha obra se oferece à vida.” (1)

(1) C. B. Aragão sobre o seu trabalho theme-specific para a Galeria Belo-Galsterer, em conversa em Fev. 2016.

João Grama I do acto de se assomar, 2016

Entramos na sala e encontramos-nos perante uma instalação enigmática: uma esquadria de rectângulos escuros em duas linhas contínuas e uma projecção de slides na parede, imagens e palavras que se relacionam com o mar. O mistério e fascínio da obra de João Grama está nos pormenores; note-se, por exemplo, o título desta obra. Assomar tanto representa o acto de “ir ver o mar” para os percebeiros de Sagres, como o “princípios a manifestar-se, a deixar-se ver confusamente” da sua definição original, nos fala desta experiência de aproximação que a obra propõe.

Claudia Fischer I Kostbare Fracht II, 2012

Quando passamos para a sala onde se encontram os trabalhos da artista alemã Claudia Fischer o nosso olhar é confrontado com três caixas de papelão, que se apresentam com tamanha profundidade... Sentimos uma sensação de estranheza, caixas para quê? No seu trabalho, Claudia Fischer tem falado muito sobre questões de identidade e migração, e olhando para estas caixas neste contexto, e sobretudo no nosso contexto actual em que a migração sobretudo para a Europa cresceu exponencialmente pelas razões que conhecemos, estas simples caixas falam-nos de um percurso e viagem geográficos que atravessa continentes e culturas. Ao focar-se num objecto do dia-a-dia sem aparente valor, e nomear esta série “*Kostbare Fracht*” (frete valioso) as caixas revelam-se contentores de valores pessoais e subjectivos.

Alda Galsterer
Fevereiro 2016

BIOGRAFIAS

C. B. Aragão

O artista nasceu no Rio de Janeiro / Brasil em 1949. Vive e trabalha em Portugal. O fotógrafo Francisco Aragão inicia a sua carreira artística com exposições a partir dos anos 1980. Expôs individualmente em galerias, museus e instituições culturais em países como o Brasil, México, Argentina, EUA, Japão, Portugal, Espanha, Bélgica, Itália e Alemanha.

Claudia Fischer

A artista nasceu na Alemanha em 1969. Vive e trabalha em Portugal. Antes de estudar fotografia na escola Bauhaus em Weimar, também estudou línguas e literatura na Alemanha e na Rússia. O seu trabalho expositivo desenvolve-se num diálogo constante entre o Norte da Europa e Portugal, país onde vive e trabalha. A artista expõe com maior frequência desde os anos 2000, apresentando fotografia e instalação.

João Grama

O artista nasceu em Lisboa em 1975. Vive e trabalha em Portugal. Estudou em Lisboa, na Ar.Co, e foi Meisterschüler de Joachim Brohm na HGB Leipzig, Alemanha. João Grama fez parte da exposição Prémio Novos Artistas EDP em 2015. Tem desenvolvido exposições com várias instituições e curadores de renome nos últimos cinco anos, no campo da fotografia. Actualmente tem em exibição o seu primeiro video, *hoje o mar não deixa*, no Museu Nacional Arte Contemporânea em Lisboa

Marta Alvim

A artista nasceu no Porto em 1979. Vive e trabalha em Portugal. Marta Alvim é artista plástica e realizadora de filmes. Ela explora as relações entre o ser humano e a natureza, nos seus filmes, instalações e fotografias. Expõe o seu trabalho a nível internacional desde 2007 em galerias, museus, centros de arte e festivais.

PAPERWORKS III Landscape without Landscape

C.B. ARAGÃO, CLAUDIA FISCHER, JOÃO GRAMA, MARTA ALVIM

Landscape without Landscape

*“And as you come to a new valley, as you come to a new landscape,
you have a certain view. If you stand still,
the landscape doesn't necessarily tell you how big it is.
It doesn't really tell you what you're looking at.
The moment you start to move the mountain starts to move.”*

(Olafur Eliasson, 1967)

In this comment about landscape, by Danish artist Olafur Eliasson, we can find the (in-) definition of what landscape is: an environment which is always in movement – apart from the fact that we find ourselves on a globe in constant rotation, thus after 24h, nothing is as it was before – a place in a continuous transformation, which we are a part of, whether we want it or not. We are human beings and for now our place is continues to be Earth. Eliasson tells us yet another detail: what we see always depends on our point of view, and by changing the latter; everything else can change as well.

Having a point of view involves placing ourselves before something over a prolonged period. To expose ourselves to something for a longer time, calmly, also means: to decelerate, to contemplate, and finally to stand still: and to admire our surroundings.

The works, selected and created together with the artists for this exhibition, are an invitation to decelerate, to moderate our fast pace that our daily life imposes on us, without permitting us to observe and feel the world in which we live; let us look at the various landscapes – abstract, concrete, figurative or imaginary – with which we are confronted in this show, an give wings to our imagination, and feel what surrounds us. Welcome, to Landscape without Landscape.

Marta Alvim | screenshots, 2015

At the entrance of the gallery we are received by four photographic works by Marta Alvim, which intrigue with their formal and chromatic composition. The artist intervened in an image of a landscape by introducing geometric elements, changing our perception of the natural space. Thus, in her work, the artist seeks transformation; by formal investigations, she is looking to find new relations of power within our society. In her installations, photographs and specially in her cinematographic narratives, she is interested in showing some of the knowledge about human behavior, in search/seeking the replacement of a (utopian) balance between politics, ethics and Nature, with images that convey a certain fascination and aesthetic magic.

C.B. Aragão | “Untitled” series, 2016

Entering the room where we meet with four photographs by the Brazilian photographer C. B. Aragão, we find ourselves involved in an environment of an almost electric atmosphere: forms, light and color in a sequence of images in movement; a possible allusion to cinema, of the cinephile artist who is attracted by uncontrolled forms which seem to run from one side to the other. The artist created a surface with depth and perspective, at a level of abstraction that is rarely found in contemporary photography – almost as if what we see is a drawing. The artist himself provokes chaos, in order to be surprised by it. This is the strong stimulus for his work – playing with chance. “What moves me is the instinct to capture an image of motion that the naked eye would not perceive [...] and when chance manages to materialize something unimaginable to me, my work is offered to life.” (1)

(1) C. B. Aragão about his theme-specific work for Galeria Belo-Galsterer, in conversation in February 2016.

João Grama I do acto de se assomar, 2016

We enter the room and find ourselves before an enigmatic installation: two continuous lines of dark rectangular forms, and a projection of slides on the wall, images and words that relate to the sea. The mystery and fascination of João Grama's work is in detail; note, for example, the title of this work. "*Assomar*" represents as much the act of "going to see the sea" for the goose barnacle fishermen from Sagres, as it also means originally "to begin to manifest itself; letting itself be seen vaguely", thus telling us about the experience of approximation that the work itself proposes.

Claudia Fischer I Kostbare Fracht II, 2012

When we pass to the room where we find the works by a German artist Claudia Fischer, our gaze confronts itself with three cardboard boxes, presented with incredible depth... We feel a sensation of strangeness, boxes for what? In her work, Claudia Fischer has talked a lot about identity and migration issues, and looking at these boxes in this context, and especially in our current context where migration, mainly to Europe, has grown exponentially for the reasons we know, these simple boxes speak to us about a geographic route and traveling that crosses continents and cultures. By focusing on a day-to-day object without apparent value, and naming this series "*Kostbare Fracht*" (valuable freight) the boxes unfold as containers of personal and subjective values.

Alda Galsterer
February 2016

Translation: Maša Tomšič

BIOGRAPHIES

C. B. Aragão

The artist was born in Rio de Janeiro (Brasil) in 1949. He lives and works in Portugal. Photographer C.B. Aragão started his artistic career with exhibitions in the 1980s. He has realized solo shows in galleries, museums and cultural institutions in various countries, among which are Brazil, Mexico, Argentina, USA, Japan, Portugal, Spain, Belgium, Italy and Germany.

Claudia Fischer

The artist was born in Germany in 1969. She lives and works in Portugal. Before studying photography at Bauhaus school in Weimar, she also studied languages and literature in Germany and Russia. Her exhibitory work develops in a constant dialogue between the Northern Europe and Portugal. She exhibits with greater frequency since 2000s on, presenting photography and installations.

João Grama

The artist was born in Lisbon in 1975. Lives and works in Portugal. He studied in Lisbon, at Ar.Co, and was Meisterschüler of Joachim Brohm at HGB Leipzig, Germany. João Grama was included in the exhibition of the EDP Foundation New Artists Prize 2015. During the last five years, he has developed exhibitions with various institutions and renowned curators, in the field of photography. Actually, he presents his first video, *hoje o mar não deixa*, at MNAC Museu Nacional Arte Contemporânea in Lisbon.

Marta Alvim

The artist was born in Porto in 1979. She lives and works in Portugal. Marta Alvim is a visual artist and film director. In her films, installations and photographs, she explores the relations between human being and nature. Since 2007, her work has been exhibited internationally in galleries, museums, art centres and festivals.